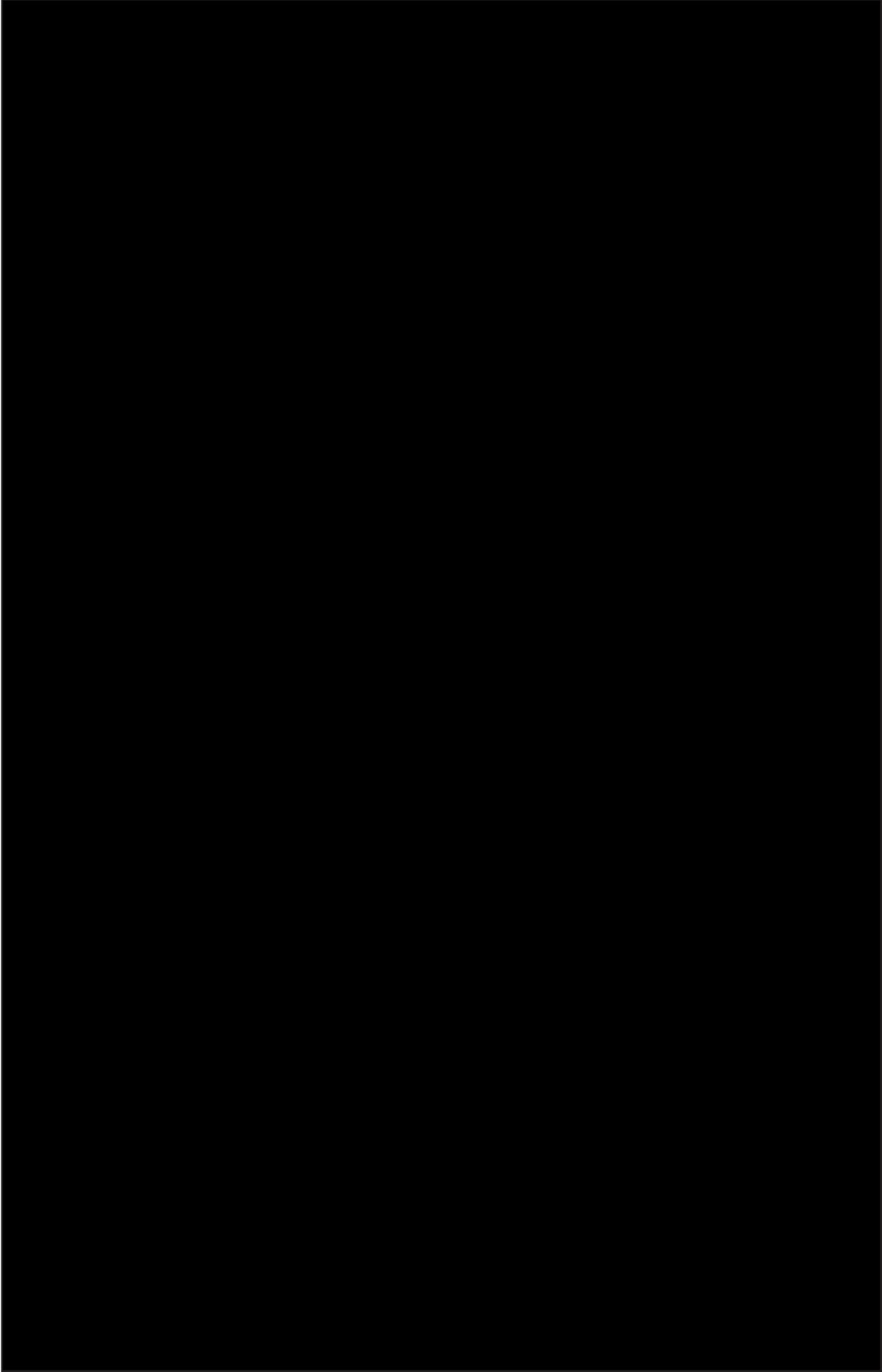


O DEUS VERME

UMA REPORTAGEM EM QUADRINHOS SOBRE O CENTENÁRIO
DE MORTE DE AUGUSTO DOS ANJOS







*Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Habitação: Jornalismo
Professor Orientador: Sérgio de Sá*

*Texto: Mariana Rezende Pizarro
Thiago da Silva Lima*

Ilustrações: Mariana Rezende Pizarro

(...) sob estes galhos (...)
(...) quando pararem todos os
relógios de minha vida (...)





(..) e a voz dos necrológicos
gritar nos noticiários que eu morri (..)
(..) a minha sombra há de ficar aqui!



O Deus

UM OBITUÁRIO ESCRITO CEM ANOS DEPOIS

Quando a pneumonia finalmente o venceu, Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos tinha 30 anos e publicado apenas um livro. Além de criar versos, o poeta guardava momentos para outras paixões: estar próximo da família, dar aulas e refletir sobre a vida. Às 4 horas da manhã, de 12 de novembro de 1914, o então diretor do Grupo Escolar de Leopoldina, Minas Gerais, se despediu da mulher e fechou os olhos, definitivamente, para encarar o que tanto escrevia em poesia: transcender.

Augusto dos Anjos era conhecido por apelidos como "o poeta maldito", devido às temáticas mórbidas, científicas e pessimistas que registrava em seus versos. Casado com Esther Fialho dos Anjos, pai de dois filhos, Glória e Guilherme, o poeta imortalizou nos sonetos a dor de ver a mulher grávida de

seis meses perder o filho, em 1911. Nascido no interior da Paraíba, Augusto viveu inicialmente com os lucros do engenho da família, mas logo o dinheiro foi insuficiente e ele teve de procurar sustento dando aulas particulares e escrevendo em jornais e revistas da época.

Com o apoio financeiro do irmão Odilon e o incentivo de Esther, ele publicou, em 1912, as primeiras mil cópias do livro *Eu*. A obra reunia parte da produção de Augusto dos Anjos e não foi bem aceita pela crítica, abalando profundamente o poeta. Embora as opiniões se dividissem entre aplausos e repulsas, o sentimento que imperou foi o de estranhamento.

Da Paraíba a família se mudou para o Rio de Janeiro, e depois, Leopoldina, onde Augusto

Hermes

passou os últimos seis meses de sua vida. O poeta era a própria contradição, tanto na escrita como na forma de agir. O desconforto narrado nos versos escuros contrapunha-se ao otimismo surpreendente e ao amor pela família e amigos. Os resquícios de uma infância de menino protegido pela mãe, no conforto da casa grande do engenho e na companhia dos livros comprados pelo pai, na vida adulta transformaram-se no pessimismo em que o professor observava a fragilidade humana: um banquete de vermes.

Em 2014 comemora-se o centenário da morte de Augusto dos Anjos, o Paraibano do Século 20, como os contemporâneos o coroaram em 2001. A obra do autor é apreciada por jornalistas, literatos e pesquisadores.

A singularidade apresenta-se tanto na dificuldade em encaixar o estilo

imagético e crítico dos versos em alguma escola literária, quanto nas peculiaridades dos sentimentos que ele viveu. Assim, a sombra de Augusto continua na terra debaixo do tamarindo, enquanto observa um escarro se tornar beijo ou um afago, ataque.



O poeta Augusto dos Anjos

Mesmo em cem anos de post mortem, o poeta dos mortos ainda fala da vida:

Ele é conhecido como o poeta da morte, mas é também o da vida, porque convida as pessoas a valorizá-la, como quem diz: "olha, aproveite, você vai acabar como aquele vermezinho ali."

A cantora Marina Andrade, 52, dona da frase acima, tem essa visão positiva do poeta. Há nove anos ela musicaliza os versos de Augusto dos Anjos. Nascida em Brasília, Marina conheceu o trabalho do poeta por um amigo paraibano, cuja paixão pelas palavras do conterrâneo a inspirou a cantar Augusto.

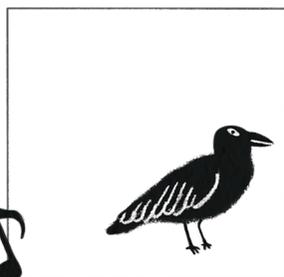
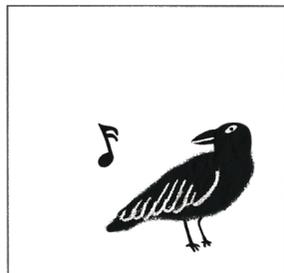
Para a compositora, os sentimentos expressos nos poemas *mal-ditos* são atemporais. Augusto descreveu não somente as próprias angústias como as do período em que viveu. Ele registrou sofrimentos comuns à existência do ser humano.

Eu vejo muita acidez na forma como ele enxerga a vida e me identifico com isso.

A professora e pesquisadora paraibana Maria do Socorro Silva de Aragão acredita que Marina seja um exemplo dessa atemporalidade da obra do poeta. "Augusto está presente, está aqui, está vivo, e não é só na Paraíba", diz. No centenário da morte do paraibano, ela considera a composição poética atualíssima, assim como o sofrimento nos versos traduz as angústias do século 21.

Arte ingrata!, já dizia Augusto, mas nem por isso esquecida. Prova disso é a riqueza de temas estudados à luz da figura do poeta até hoje, mesmo cem anos após a sua morte. De pesquisas acadêmicas sobre sua relação com o cristianismo até debates a respeito do estilo literário em que se encaixa, o universo de Augusto é rico em abordagens. "Para autor de apenas um livro, Augusto se destaca pela quantidade de estudos a seu respeito", analisa a escritora e pesquisadora Neide Medeiros Santos.

A herança cultural de Augusto não está apenas nas estantes de universidades. A memória do autor foi avivada entre os paraibanos em 2006, com a reforma da antiga casa da ama de leite do poeta, em Sapé, município de apenas 50.143 moradores. A moradia abriga hoje o Memorial Augusto dos Anjos e recebe turistas de todo o mundo.



Outra coisa que atraiu a atenção para Augusto foi o centenário de publicação do *Eu*, seu primeiro e único livro, e agora os cem anos de morte dele.

MARIA DO SOCORRO



"Em abril de 2014, começamos aqui na Paraíba o evento Cem Anos de Encantamento, que seguirá até novembro com o Congresso Augusto dos Anjos, a Literatura e o Tempo."



Além disso, é possível ver Augusto dos Anjos vivo na juventude. Por exemplo, na Universidade Federal do Ceará há o grupo Verso de Boca, que declama poemas dele de forma teatral no meio da rua.

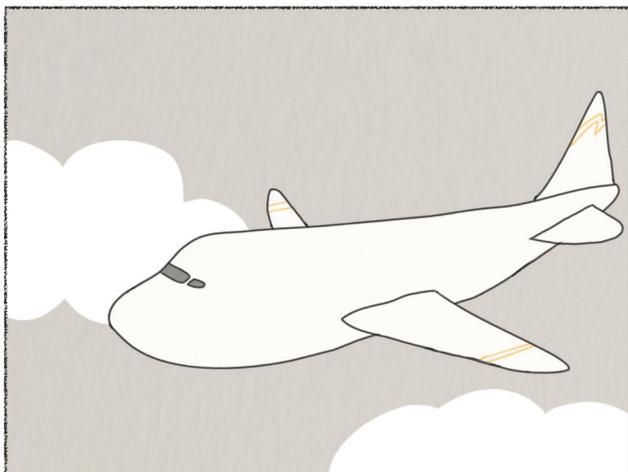
Thiago e Mariana:

Qual é a reação mais comum do público?

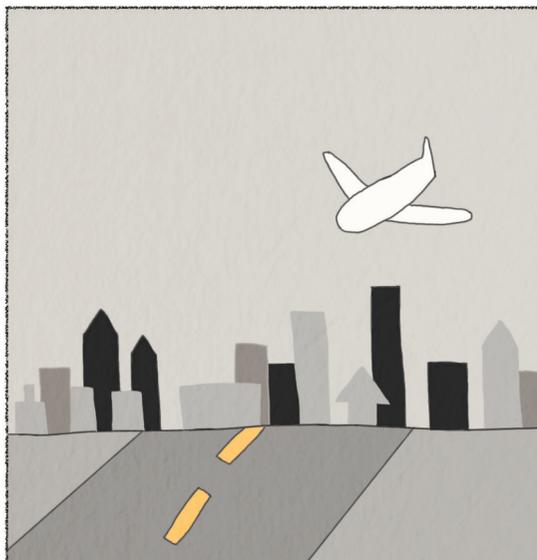
Victória Vasconcelos,
integrante do grupo Verso de Boca:

Em nossas apresentações sempre inserimos um ou dois poemas do Augusto, e percebemos que os adolescentes ficam mais com o olhar curioso do que o olhar de estranhamento. E várias vezes ao final da apresentação pedem informações e explicações sobre o poema.





A cantora Marina esteve em João Pessoa duas vezes, uma em 2007, para celebrar o aniversário de 123 anos de nascimento de Augusto dos Anjos...



...E outra em 2010, em homenagem aos 44 anos da morte do poeta.



Nas duas ocasiões, foi a cantora quem bancou os custos da viagem.



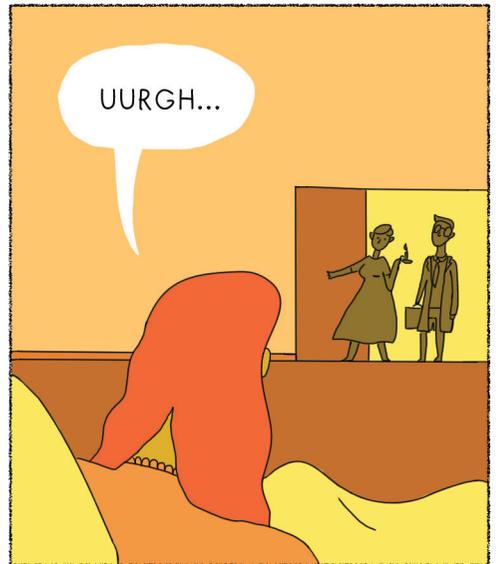
Mas a realização do sonho de mostrar as músicas aos contemporâneos de Augusto fez tudo valer a pena.

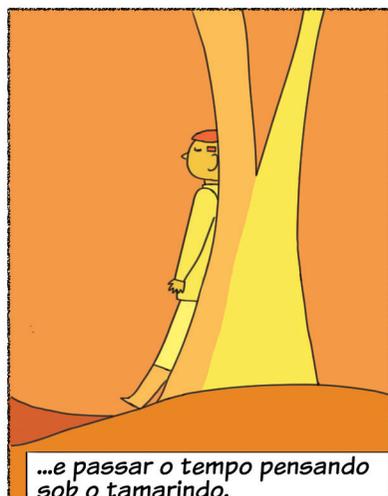
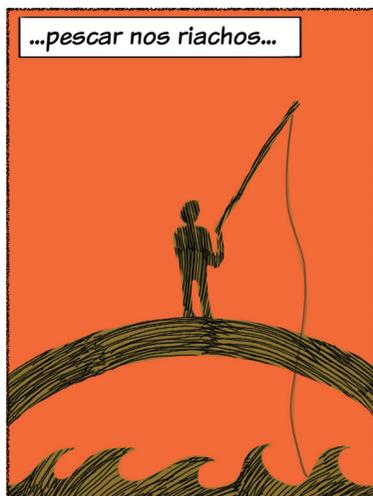
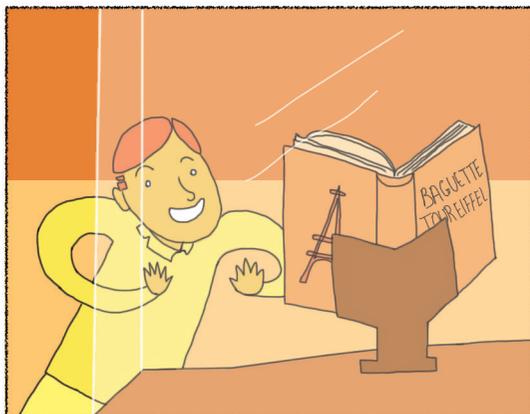


Eu achei muito bonitinho ver todos aqueles estudantes humildes recitando os poemas do Augusto. Todo o povo tem muito orgulho dele.



Em 20 de abril de 1884, no Engenho Pau d'Arco, então município de Cruz do Espírito Santo, hoje Sapé, Paraíba, nasce Augusto dos Anjos.

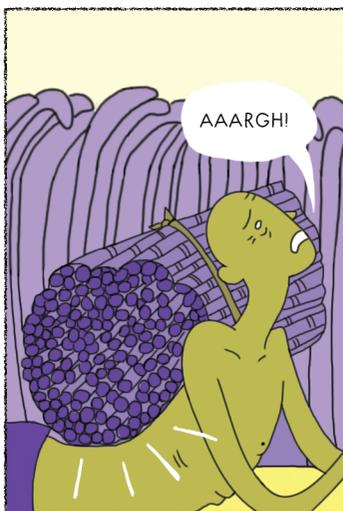






Augusto cresce durante os movimentos abolicionistas e republicanos no Brasil, que colocam em xeque o sistema capitalista de produção do século 19. As novas ideias provocam a mudança na mentalidade da época, levando ao declínio dos engenhos e da sociedade escravocrata. Tudo isso afeta a maneira como o poeta interpreta a realidade e o sofrimento humano.

Esse mesmo período da vida do poeta é profundamente marcado pela morte de seu pai, Alexandre dos Anjos.





VIDA DE AUGUSTO

O período em que Augusto colaborou com a imprensa se encaixa na fase em que o poeta fez os trabalhos mais humorísticos da carreira.

Além de escrever peças publicitárias, resenhas e críticas, ele também fez poemas nos quais elogiava as moças da época...

...E ironizava os rapazes.



O ESTILO DOS ANJOS

Ele começou na estética do simbolismo, mas a única obra deste gênero foi *Vandalismo* em 1904, presente no livro *Eu*. Logo ele se afastou desse estilo e seguiu para o que seria chamado de pré-modernismo, fase literária que rompeu com as escolas existentes.

O estilo de Augusto se aproxima do expressionismo, pois ele trabalha com aliterações, com hipérboles. Ele procura fugir da fluidez e captar musicalmente a linguagem.

Já nas influências de Augusto é possível destacar traços do português Cesário Verde e do próprio francês expressionista Charles Baudelaire.



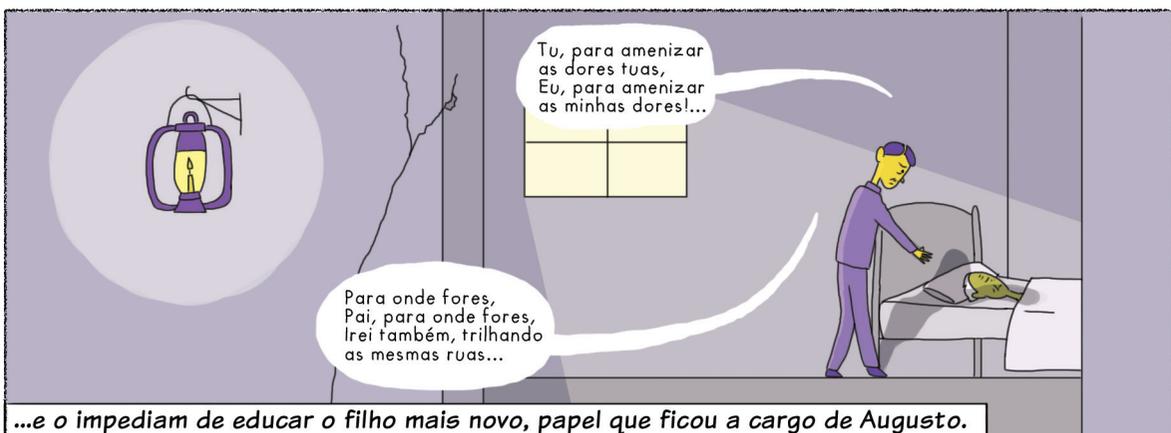
Por influência da família, em 1903, Augusto ingressa na Faculdade de Direito do Recife, Pernambuco.



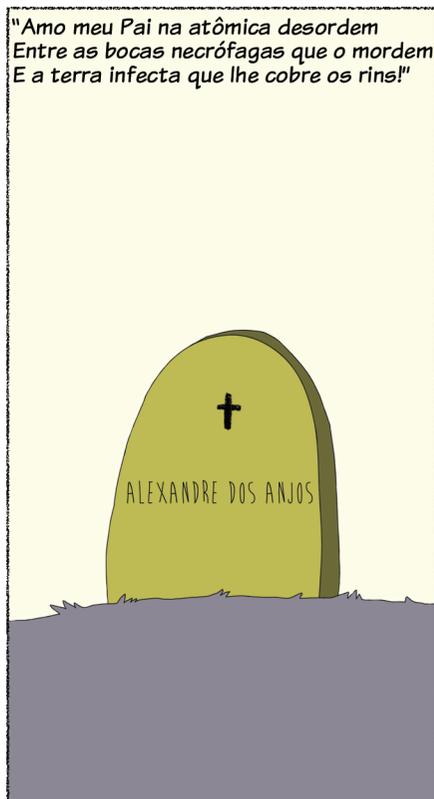
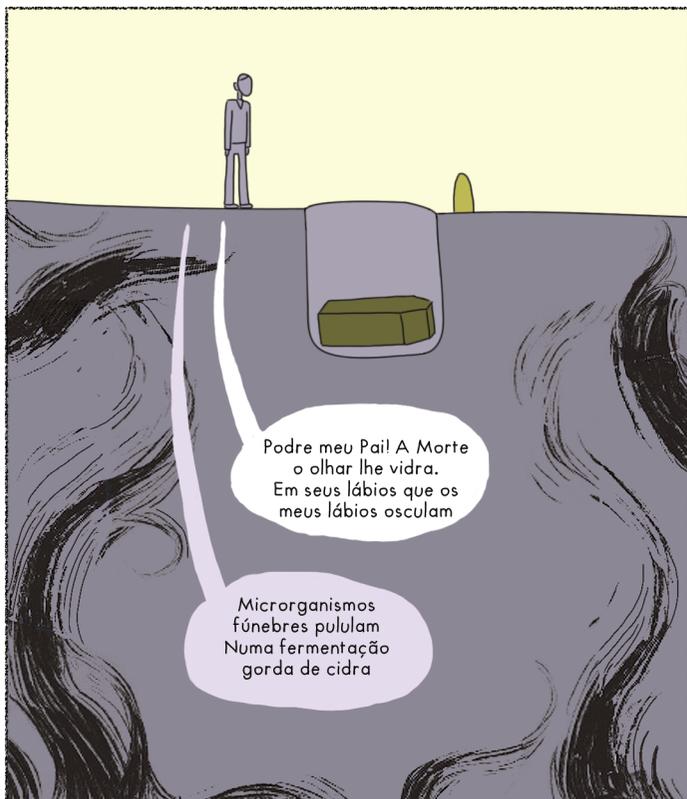
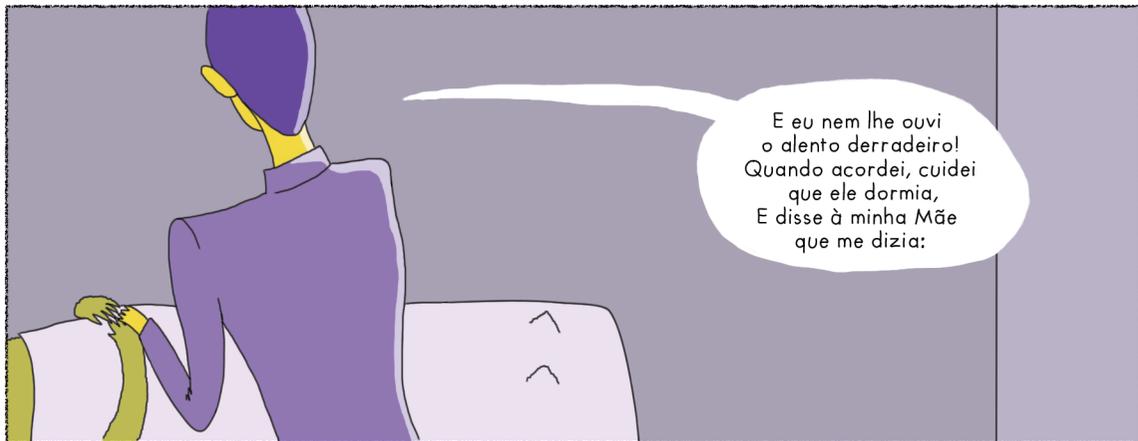
Dois anos depois, vítima da paralisia e afásico, cai imóvel na cama Alexandre, pai de Augusto.



Enquanto isso, as prestações vencidas da hipoteca se acumulavam no Banco Emissor de Pernambuco...



...e o impediam de educar o filho mais novo, papel que ficou a cargo de Augusto.



Após esses eventos, Augusto publica aquele que se tornaria o poema mais famoso do paraibano.

Em 1906, o jornal *O Comércio* traz *Versos íntimos...*

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão, esta pantera,
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

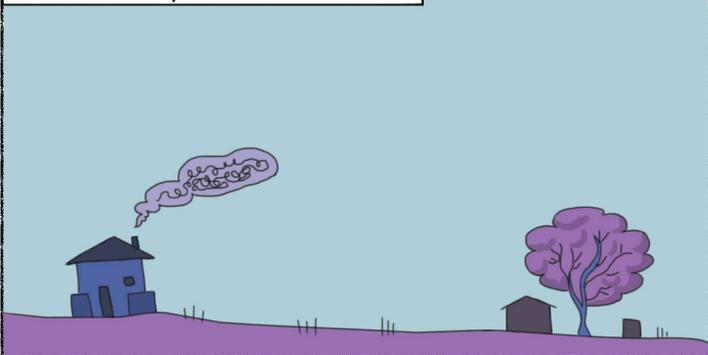
Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!



*Depois da morte do pai e do padrasto de Sinhá Mocinha – patriarca da família e responsável pelo engenho –, Augusto, para sobreviver, precisou colaborar com o jornal *Nonevar*. Escrevia crônicas e peças publicitárias quando conheceu Esther, moça que viria a se tornar sua mulher.*

Augusto dos Anjos sofreu muito com a venda do engenho, por conta do declínio da produção de açúcar.



Os pequenos engenhos familiares deram lugar às grandes fábricas...



...e os Dos Anjos tiveram de vender a propriedade.



A herança foi dividida entre os sete irmãos.

A saída para completar a renda foram as aulas particulares, dadas na sua própria casa.



CUSTOS DE VIDA

A personalidade de Augusto era um choque para os alunos. Tanto a visual, ao receber os alunos enrolado em um lençol, quanto na capacidade de instigar a curiosidade, o desejo de aprender e o debate entre eles.

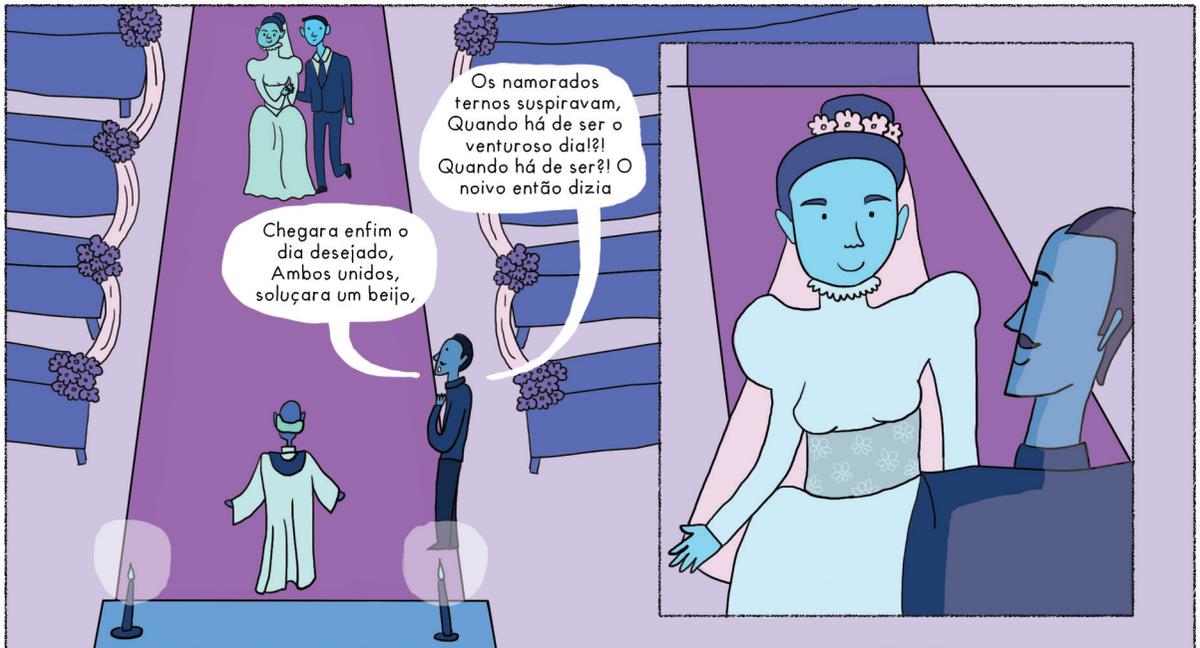


Augusto tinha certo receio em receber dinheiro por essa atividade, por causa da criação e do **status** de pertencer à classe alta da época...





de Augusto não deixaram de atrair o interesse e a admiração...



MEXERICOS NOTURNOS

Alguns historiadores dizem que Sinhá Mocinha não gostava de Esther, mas não era bem assim.

NEIDE MEDEIROS



A mãe era muito ligada ao filho e queria que ele continuasse os estudos fora da cidade. Mas Augusto, apaixonado por Esther, decidiu ficar com a moça...

"No final, Sinhá Mocinha demonstrou muito apreço pela nora."



A necessidade de garantir o próprio dinheiro leva o poeta a se inscrever no concurso público de professor



do Liceu Paraibano, e assim ter estabilidade como educador.

Apesar de confiar em suas habilidades, Augusto acaba em segundo lugar na seleção, o que o magoa profundamente.



O primeiro lugar fica com um apaniguado do governador da Paraíba, deputado na época.

Após a decepção com o concurso, Augusto decide esperar a nomeação como professor interino. Porém, o poeta mantinha o sonho de migrar para o Rio de Janeiro, onde artistas floresciam e algo tinha chance de prosperar. Antes de partir, ele chega a procurar o governador do Estado, Álvaro Lopes Machado, conhecido como Joque, para pedir que a vaga no colégio fosse mantida. Nova decepção: teve o pedido negado de forma humilhante.



Vá embora e nunca mais me amole!



Augusto sai da Paraíba o mais rápido possível e jura nunca mais por os pés na terra natal por causa da ofensa. Em 1910, Augusto e a mulher desembarcam no Rio de Janeiro para recomeçar a vida.

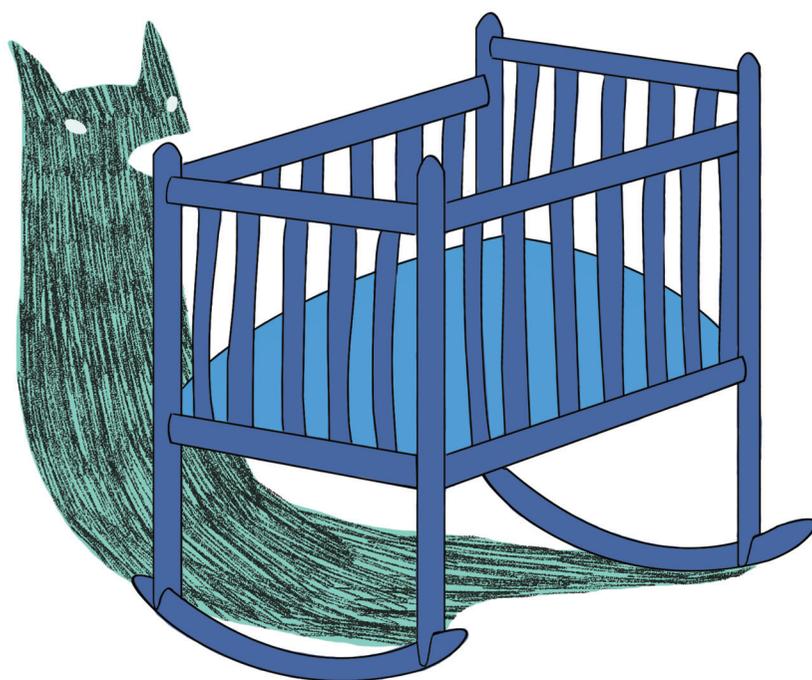
Na capital carioca, passam por dificuldades. Acostumados com certos luxos que a vida oferecia no interior, os dois enfrentam problemas de moradia e falta de dinheiro, até para comprar comida.

Augusto e Esther moram em 11 lugares diferentes no Rio de Janeiro, como hotéis, quartos alugados e residências de parentes e conhecidos.



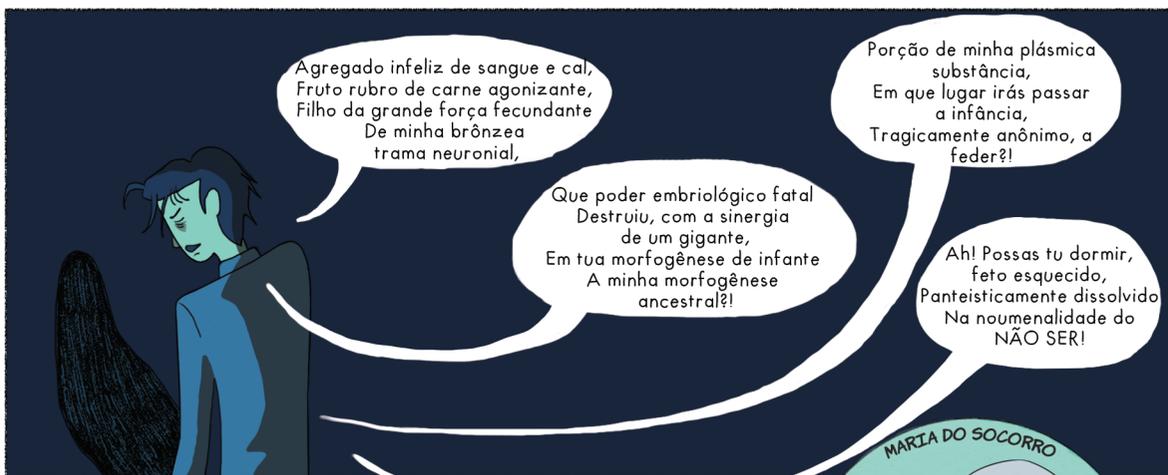
TRABALHOS DE AUGUSTO

Além de colaborar com jornais e revistas, dar aulas e escrever poemas, o paraibano também bate de porta em porta para vender apólices de seguro de vida.

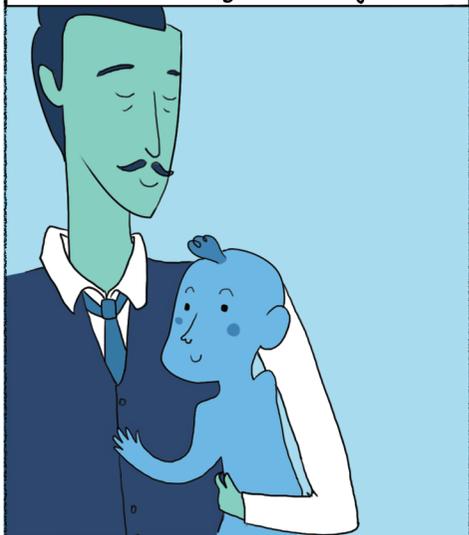


A situação continua difícil. Além de variados trabalhos para se manter, a família Dos Anjos sofre outro golpe: grávida de sete meses, Esther tem um aborto natural e perde o filho.

O poeta registra a dor no soneto
Ao meu filho morto.



Em 25 dezembro nasce sua filha,
Glória Fialho Rodrigues dos Anjos Cruz.



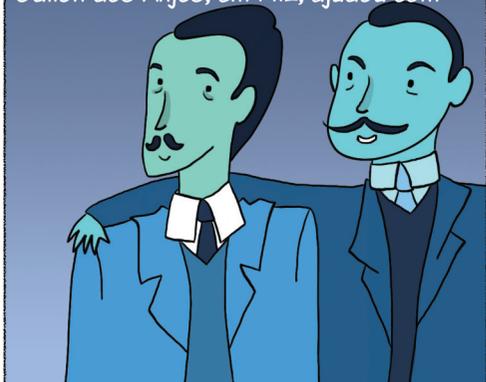
Augusto tinha muita saudade da família, da mãe principalmente. Era comum escrever para informar até mesmo os mínimos detalhes do cotidiano, por exemplo, o espírito da filha.



LONGE DA FAMÍLIA, ELE ESCREVE:

PARA A MÃE, DONA CÔRDULA RODRIGUES DOS ANJOS, SINHÁ MOCINHA - 120 CARTAS
PARA A IRMÃ FRANCISCA DE CARVALHO RODRIGUES, IAIÁ - 13 CARTAS E CARTÕES
PARA O IRMÃO APRÍGIO DOS ANJOS - QUATRO CARTAS
PARA O IRMÃO ALEXANDRE DOS ANJOS - LIMA CARTA
PARA A MULHER, ESTHER DOS ANJOS - LIMA CARTA
PARA O AMIGO CARLOS XAVIER - LIMA CARTA EM ITALIANO
PARA O AMIGO RAUL MACHADO - LIMA CARTA

Maior fã dos versos "malditos" do irmão, Odilon dos Anjos, em 1912, ajudou com



550 mil réis para a impressão dos mil exemplares do *Eu*.



Até então, nenhum editor tinha se prontificado a assumir a publicação do manuscrito. A obra, na primeira edição, tinha 131 páginas.

AUGUSTO E O EU

Houve muito mais estranhamento com a obra e uma certa rejeição tradicionalista. Entretanto, alguns escritores notaram a importância do trabalho, como o poeta Manuel Bandeira, que escreveu um artigo a respeito do livro.

MANUEL BANDEIRA

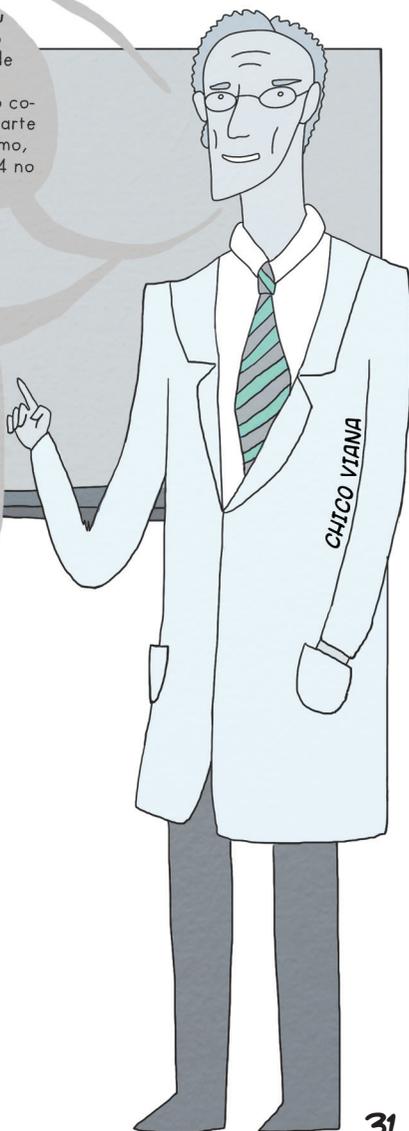


CHARLES BAUDELAIRE



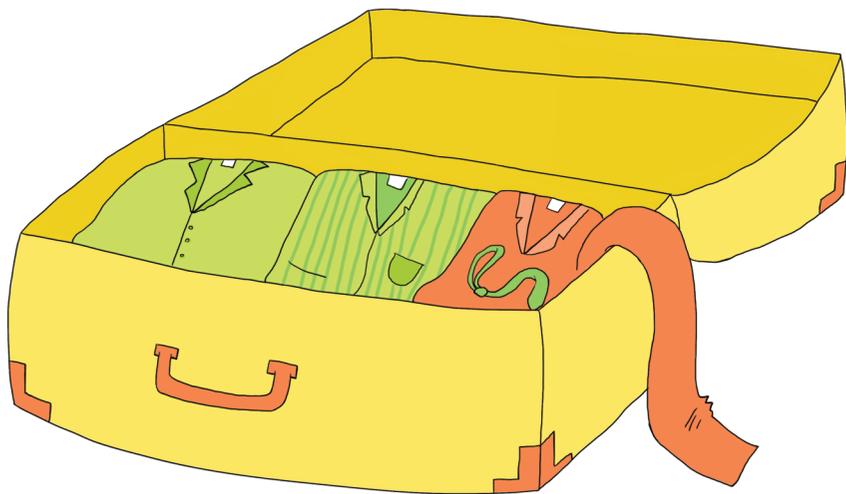
Com a publicação do *Eu* surgiu uma nova dicção poética, com influência de Charles Baudelaire por escatologia e o vocabulário coloquiais. Hoje, a obra faz parte do chamado pré-modernismo, escola que começa em 1904 no Brasil.

A poesia de Augusto dos Anjos se aproxima do expressionismo alemão, como a obsessão pela morte e as características barrocas. É uma aproximação, ao meu ver, casual. Não acredito que ele tivesse leitura dos autores dessa época, mas é algo interessante por ser um clássico exemplo de aproximação que não sabemos explicar como foi possível.



Em 12 de julho de 1913, a família Dos Anjos abre as portas para mais um membro: Guilherme Augusto Fialho dos Anjos.



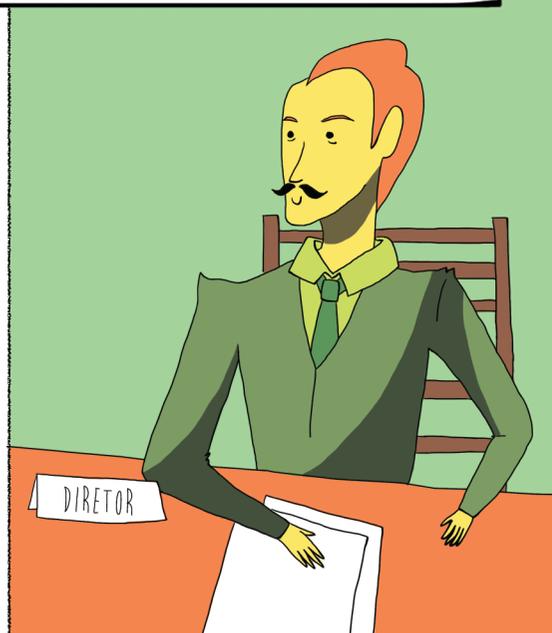


Mesmo com o crescimento da família e o livro publicado, o estado melancólico narrado nos versos não abandona o poeta. A estranheza e o afastamento do público em relação ao livro fazem Augusto se sentir incompreendido e desmotivado. A situação sofre uma reviravolta com a ajuda de seu cunhado, Dr. Rômulo Pacheco. Augusto é convidado por ele a assumir o cargo de diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, em Leopoldina, Minas Gerais. A nomeação ocorre em 1º de junho de 1914.



QUANTO VALE AUGUSTO NA DIRETORIA?

Com o cargo que assumiu, o paraibano recebia um ordenado de 250 mil réis mensais, mais gratificações. O contracheque chegava a 330 mil réis, 90\$000 a mais que o salário mínimo, implantado 36 anos após a chegada do poeta à cidade.





Ironicamente, o período de vida mais feliz do poeta maldito foi

também o mais curto.



Após seis meses em Leopoldina, Augusto toma uma chuva repentina e...



...ao chegar em casa, treme e mostra sinais de resfriado.



No dia 30 de outubro, o poeta é diagnosticado com pneumonia.



Em 12 de novembro, às 4 da manhã, menos de duas semanas após receber cuidados médicos sem resultado, ele troca as últimas palavras com Esther...



...e fecha os olhos para sempre.

A morte de Augusto quase fica despercebida pelos jornais cariocas da época. O cronista mineiro Antônio Torres, na imprensa do Rio de Janeiro, o recorda com entusiasmo em um artigo.

Na terra natal do poeta, o escritor e político José Américo de Almeida louvou o conterrâneo com o texto "Augusto dos Anjos no trigésimo dia do seu falecimento".

Alguns dias depois...

Não alcanço data mais velha à do ano de 1900, para o começo de minhas relações pessoais com Augusto dos Anjos.

Feriu-me de chofre o seu tipo excêntrico de pássaro molhado, todo encolhido nas asas com medo da chuva.

Declamando, sua voz ganhava um timbre especial, tornando-se metálica, tinindo e retinindo as sílabas...

A voz era tudo: possuía paixão, ternura...



Órris Soares nasceu na Paraíba. Por uma mistura de curiosidade e admiração conheceu Augusto em 1900, quando o jovem se dirigia para prestar o exame do Liceu Paraibano.

ÓRRIS SOARES

Alguns dias após a morte de Augusto, Soares caminhava pela Avenida Central, no Rio de Janeiro, com o amigo Heitor Lima. No trajeto, encontraram o poeta parnasiano Olavo Bilac, nomeado, em 1907, pela revista *Fon-Fon*, o "Príncipe dos Poetas Brasileiros".



Ao perceber a tristeza da dupla, recém-informada da morte do Poeta do Hediondo, Bilac indaga:



Com um sorriso de superioridade (e um pouco de choque), Bilac responde:





*Como homenagem ao amigo e uma nova chance aos versos escuros, em 1920, Órris Soares reeditou o único livro de Augusto, agora chamado *Eu e outras poesias*.*

Na nova edição, a obra reuniu os 56 poemas publicados em 1912 com acréscimo de outros 48 inéditos coletados por Órris.

*A escritora Ana Miranda reforça a importância que Órris Soares teve em resgatar Augusto na literatura brasileira. Fato este comprovado pelo sucesso da terceira edição de *Eu*, publicado pela Livraria Castilho em 1928. Segundo o jornal *Crítica*, o livro vendeu, em menos de dois meses, 5.500 exemplares. "Representa o mais espantoso sucesso de livraria dos últimos tempos: 3 mil volumes escoados em quinze dias", garante a crítica do *Jornal do Commercio*, periódico em que Augusto chegou a trabalhar.*

Inspiração pelo poema *Versos íntimos*, a escritora cearense Ana Miranda



escreve o romance *A última quimera*, em que conta a vida e a obra de Augusto por meio de um narrador anônimo.

Publicado em 1995, o livro mistura fatos históricos, como a amizade de Orris com o poeta, à ficção.

A trama de Augusto é real, tudo segue sua cronologia de vida. Mas tudo vai se transformando em ficção.



Foi muito difícil separar o ficcional do histórico, portanto adoto que tudo é ficção.

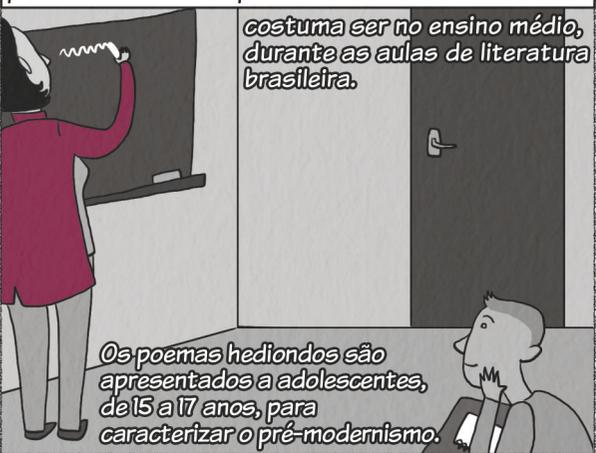
Ana Miranda lembra que o público passou a ter um interesse maior pela figura do poeta após o



Algumas pessoas me disseram que conheceram Augusto através do romance, e se interessaram por sua poesia.

lançamento do romance. Entretanto, logo depois, os leitores voltaram a esquecer Augusto.

Mesmo com a popularidade de *A última quimera*, o primeiro contato das pessoas com os versos malditos



costuma ser no ensino médio, durante as aulas de literatura brasileira.

Os poemas hediondos são apresentados a adolescentes, de 15 a 17 anos, para caracterizar o pré-modernismo.

DEOLINDA MARINS
PROFESSORA DE LITERATURA



Embora o diferencial de Augusto seja um atrativo para a obra, isso também se mostra como um problema para o ensino e o aprendizado.

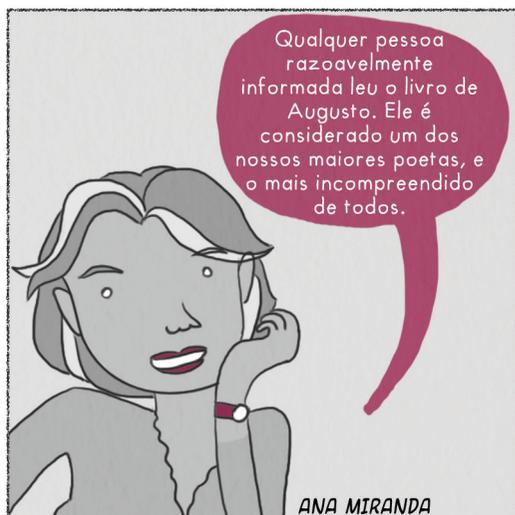
Sempre gostei da singularidade da obra de Augusto e acho que as palavras e versos dele dialogam com os sentimentos de autoafirmação que os jovens enfrentam nesse período da vida.

Tenho até colegas de profissão que não o ensinam, pois conhecem pouco da obra dele, até por ela ser mais difícil.

Mas, se bem ensinado, o resultado pode ser surpreendente.

Muitos alunos se identificam com os poemas. Infelizmente, o pensamento que existe é o de decorar para passar no vestibular.

QUEM É AUGUSTO DOS ANJOS HOJE?



Mesmo incompreendido, Augusto toca a condição humana mais básica.

"Toda vez que uma pessoa estiver diante de um momento de ingratidão ou traição, cada vez que uma mão que afagava apedrejar, a vítima vai ter contato com Augusto dos Anjos", defende Márvio dos Anjos, 36 anos, sobrinho-neto do poeta. Músico e jornalista, Márvio deve muito ao avô Alfredo, que lhe apresentou Augusto. Mas o interesse não parou em *Versos Íntimos*. Ele se interessou em pesquisar a vida do poeta e afirma que sente obrigação em manter a qualidade e clareza nas palavras, seja na poesia ou no jornalismo.



Ele não morreu. Embora a poesia não seja muito consumida hoje em dia, Augusto possui uma sobrevivência que muitos invejariam por conta das reedições do *Eu*. Esta obra tem um grande alcance, principalmente no Nordeste.

Também poeta e jornalista, o último neto vivo de Augusto, Ricardo dos Anjos, 76 anos, acredita que a necessidade de trabalhar as palavras corre no sangue da família. Filho de Guilherme, Ricardo assume que durante a juventude costumava ouvir sobre a fama do avô, mas não se interessava pela obra. Somente em 1984, com o centenário de nascimento de Augusto, passou a apreciar a herança poética da família. "Por que eu virei poeta? Foi o DNA", brinca. Hoje aposentado, Ricardo se refugia da agitação dos grandes centros em Nova Petrópolis, no interior do Rio Grande do Sul. "A maioria, por incrível que pareça, nem conhece Augusto aqui. Acredito eu que seja pelo regionalismo cultural do Sul. Um dia, uma aluna e uma professora universitária me convidaram para falar sobre ele, e foi assim que comecei a dar palestras sobre o meu avô", conta Ricardo, que hoje se dedica a escrever um romance.

Ele é um poeta universal da dor, existência e condição humana. Hoje a juventude passou a reconhecê-lo nas universidades, com a revisão crítica da poesia.





*E eu, que vivo atrelado ao desalento,
Também espero o fim do meu tormento,
Na voz da morte a me bradar: descansa!*